



# Portugal Colonial

REVISTA DE PROPAGANDA E EXPANSÃO COLONIAL

DIRECTOR  
**HENRIQUE GALVÃO**  
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO  
**F. ALVES DE AZEVEDO**  
ADMINISTRADOR E EDITOR  
**ANTÓNIO P. MURALHA**

SEDE  
**RUA DA CONCEIÇÃO, 35, 1.º**  
End. Telegráfico: *MINERVA*  
Telefone 24253  
PROPRIEDADE DA EMPRESA  
**PORTUGAL COLÓNIAL**  
**NÚMERO 52**

PREÇO AVULSO  
Metrópole..... 3\$00  
Colónias..... 4\$00  
(ASSINATURAS)  
Metrópole (6 meses)... 18\$00  
Colónias (6 meses)... 24\$00

COMPOSTO E IMPRESSO  
OTTOSGRAFICA LIMITADA  
Conde Barão, 50 — LISBOA



## SUMÁRIO

L'EXPOSITION INTERNATIONALE DE BRUXELLES.....	***
PROBLEMA DA IRRIGAÇÃO DO VALE DO LIMPOPO.....	<i>F. Alves de Azevedo</i>
A MÁQUINA CIVILIZADORA.....	<i>Alberto Jaime de Azevedo</i> Engenheiro I. S. T.
GRANDES EXCURSÕES COLONIAIS.....	***
PÁGINA LITERÁRIA — DEVOÇÕES.....	<i>Berta Leite</i>
DA IMPRENSA COLONIAL TRANSCREVE-SE.....	<i>Vitor Falcão e Pierre Dominique</i>
NO ESTRANJEIRO.....	***
IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS.....	***
CONSULTÓRIO.....	***
CRÓNICA DO MÊS.....	<i>Henrique Galvão</i>
NOTAS DO MÊS.....	***
INFORMAÇÕES, ETC.....	***
ESTATÍSTICA.....	***

# L'Exposition Internationale de Bruxelles

**L**E fait de dire et de constater que l'Exposition Internationale de Bruxelles est à tous points de vue, très supérieure à l'Exposition Coloniale que Paris réalisa en 1931, ne constitue pas un éloge assez grand, pour la magnifique réalisation que la Belgique présente cette année.

Malgré les puissantes ressources dont la France disposait autant par ses personnalités éminentes que par ses ressources de compensation—situation vraiment privilégiée—la réalisation de Vincennes de 1931 fut nettement inférieure à celle que l'on pouvait espérer d'un pays qui possédait pour embellir et animer son Exposition, le génie d'un Lyauté, sa situation exceptionnelle de tourisme et une élite d'artistes notables.

L'Exposition Coloniale eut un côté de foire trop accentué pour mériter le nom de notable comme Exposition.

Les dessins de mercantilisme inférieur qui envahirent l'organisation et avilirent la grandeur que l'œuvre devait avoir, firent de cette idée magnifiquement conçue, une réalisation déplorable.

Elle voulut être une Exposition Coloniale. Aucun vrai colonialiste même voulant être un esprit critique bienveillant, pourrait accepter comme tel.

Hormis les représentations de la Hollande, parfaite de technique et impressionnante dans son ensemble et du Portugal, par la richesse spirituelle des éléments exposés—l'Exposition de Paris, ne disposa ni de la documentation ni de la technique qu'une Exposition Coloniale ayant des objectifs de propagande des questions coloniales doit avoir, de fait et en harmonie

avec les responsabilités de son rang et de son prestige.

Nous vîmes et admirâmes des merveilles de bon goût, où l'art et le talent des artistes français firent le miracle de ne pas se laisser sombrer par la misère sordide de centaines de baraques éparses çà et là, quelques petites réalisations certainement curieuses et dignes d'attention, mais, son ensemble fut, inférieur, sans couleur, brillant seulement par l'enthousiasme joyeux et frivole des millions de visiteurs appelés par le prestige de Paris.

Donc, le fait de dire qu'elle est supérieure à celle de Vincennes de 1931, ne constitue par un éloge pour l'Exposition Internationale de Bruxelles.

L'Exposition de Bruxelles est véritablement une Exposition parfaite dans son admirable technique, dans son expression réalisatrice, qui honore son pays et les hommes qui travaillent pour elle.



C'est un pays admirable cette petite Belgique avec sa modique superficie métropolitaine, avec son unité nationale blessée par les divers genres ethniques de mentalité et d'esprit mais qui dispose de qualités de ressources d'énergies admirables.

Ayant une puissance d'expansion qui montait toujours et se brisait dans les étroites frontières de sa Métropole, elle trouva dans le génie politique de Léopold II, un nouveau champ d'activité. Et malgré son inexpérience des choses coloniales, de son esprit profondément européen, elle occupa

# Problema da irrigação do vale do Limpopo

Por F. ALVES DE AZEVEDO

**D**ESDE há muito que se vem sentindo entre nós a necessidade duma política colonial realista que se não compadece com as velhas fórmulas que por muito tempo tedricamente electrizaram a opinião pública mas que no fundo não passavam de promessas eternamente sem efectivação.

Concretizando esta aspiração sensata mas sem norte determinado inicia-se agora nas nossas colónias uma política de fomento que sem favor podemos considerar notável.

Tem-se avolumado nos últimos tempos a esperança de num curto lapso começarem os trabalhos da irrigação das terras do Vale do Limpopo em Moçambique.

Disse o Dr. Armindo Monteiro nas suas «Directrizes de uma política ultramarina» nós temos por agora sobretudo de dar à África o capital e o saber que ali faltam devemos fornecer-lhe os quadros da indústria, do comércio e em grande linha os da agricultura... a

terra pode dar muito mas para o dar reclama ciência e experiência trabalho aturado e dinheiro aplicado com critério e economia».

Em face do retraimento do capital português torna-se necessário que no caso em questão o Estado preste o seu valioso concurso indo muito além dos limites usuais investindo-se da função de principal impulsor da obra a executar, proporcionando auxílio e regalias removendo obstáculos chamando a si a organização dum plano de trabalhos velando pela sua execução a rigor. Afigura-se-nos indispensável a sua intervenção pois que a natureza do empreendimento não é de molde a assegurar lucros imediatos.

Esta solução terá também o mérito de dar ao capital português o admirável exemplo que em conjecturas análogas ele não tem tido, tirando-lhe assim julgo eu os receios de que há anos anda possuído.

---

*vaillamment un territoire énorme africain. Elle réalisa au Congo, en cinquante ans à peu près, une œuvre originale et vigoureuse, qui s'impose à tout le monde et qui élève la Belgique au rang de grande puissance coloniale.*

*Battue en plein par la crise quand son enthousiasme était plus vif et ses projets plus audacieux, ou craignit que la Métropole ne pût résister aux coups profonds donnés dans une économie indecise, et creusée en grandes proportions—et que la Belgique finirait un jour par abandonner le Congo.*

*Mais voilà que malgré la situation difficile et douloureuse qu'elle supporta, malgré la débâcle de toute une économie fondée sur l'optimisme et malgré les doutes*

*qui envahirent le peuple belge, le Congo commence à ressurgir, ses problèmes perdent l'aspect des difficultés invincibles et les grands problèmes humains de Colonisation guettent déjà derrière une économie qui espère se refaire.*



*Une Exposition avec la valeur de l'Exposition Internationale de Bruxelles, représente pour un pays un effort formidable.*

*Le réaliser avec un succès qu'on peut appeler mondial par les temps difficiles que nous traversons, est une preuve de santé nationale, de vigueur patriotique et de saines énergies, par lesquelles nous devons admirer la Belgique et son peuple admirable.*



A principal diferença que existe sob o ponto de vista económico entre um país europeu e uma colónia reside sem dúvida em dois elementos que são os dois aspectos dum único facto. Em primeiro lugar a Metrópole beneficia duma massa maior de capitais antigos lentamente investidos no seu solo e que lhe criaram por esta razão outros tantos meios de produzir riquezas utilizáveis. Por outro lado o desenvolvimento das exigências individuais e as necessidades da colectividade prosseguiram paralelamente de forma a fazer nascer as saídas necessárias no momento em que aparecia uma nova riqueza a consumir.

Estas noções que amanhã serão elementares e clássicas parecem ainda hoje novas porque transformam na sua própria essência as ideias que sempre a este respeito consagramos. As descobertas científicas dos últimos anos aumentaram de tal maneira a nossa capacidade para domar as forças da natureza que hoje se pode construir um edifício de riqueza cuja extensão seja quasi sem possível relação com a base estreita que os nossos hábitos impõem ainda; tal como um enorme arranha-céus americano eleva a setenta andares o seu formigueiro humano partindo da mais pequena superfície possível?

Esta revolução cria naturalmente consequências indefinidas na própria noção da colonização. Para nos limitarmos ao ponto de vista material colonizar hoje é chamar à vida económica as regiões ainda inertes e cujas forças e possibilidades ainda não foram empregadas.

Assim, sendo a vida económica moderna essencialmente caracterizada por um uso cada vez mais intenso de capitais é não há dúvida ao Estado que incumbe o dever de realizar a obra primordial que consiste em levar às colónias esse fremento novo de actividade e progresso.

O império tem é verdade recebido já alguns financiamentos de carácter privado. A iniciativa individual fez com efeito alguma coisa: desenvolvendo a prospecção das riquezas mineiras seleccionando as culturas possíveis impulsionando e fazendo progredir depois as indústrias incipientes. Mas a maioria dos capitais privados e mesmo os capitais públicos não seguiram este caminho. A obra de utensilhagem nacional imperial é ainda rudimentar embora se esteja realizando neste

momento um valoroso esforço para modificar semelhante estado de cousas.

Isto sobejamente demonstra o lugar predominante que deve ter o Estado na colonização portuguesa contemporânea. Construir vias férreas, abrir estradas, apetrechar portos, levar a água onde ela é necessária, drenar terras de aluvião, captar quedas de água, ou aparelhar centrais eléctricas é na verdade permitir a assimilação pelos colonos das nossas possessões do ultramar das riquezas naturais que até esse momento se têm conservado extrictamente virtuais e que não começam a ser utilizáveis senão entrar em jôgo a economia antiga possuída pelos países velhos como o nosso.



Estas considerações não pesaram jámais na balança dos debates políticos desse passado que todos desejamos esquecer onde frequentemente o fugitivo e o superficial ultrapassaram o permanente e o indispensável. Portugal tem-se dito, criou o seu Império Colonial sem dar por isso, e às vezes mesmo sem saber. A ser verdade semelhante afirmação podemos assegurar que neste momento toma consciência da missão enorme que lhe incumbe e dos deveres que se impôs. No nosso país todos os assuntos progredem ou morrem rapidamente consoante a sua vitalidade particular. O problema dos financiamentos coloniais tornou-se uma emergência de primeiro plano cuja importância a solução rápida o país começa a compreender e a desejar.



O Sul da Colónia de Moçambique tem vivido principalmente do pôrto de Lourenço Marques. Como até à data não há notícia de minérios exploráveis nem indústrias importantes, não há dúvida que só na agricultura poderá basear o seu progresso. Esta porém não pode existir sem irrigação atenta a irregularidade pluviométrica da região. Logo a irrigação do Vale do Limpopo é uma necessidade pois vem valorizar consideravelmente o Sul da Colónia. Como corolário da necessidade quanto mais urgente a sua efectivação maior a sua utilidade. Semelhante empreendimento verdadeiramente imperial no sentido romano da palavra é sem dúvida a obra de maior

## Estação Zootécnica do Sul—Angola (Humpata)



Pocilgas em construção

---

vulto que no plano de reconstrução colonial se pode prever. Escreveu o Marechal Lyautey: «Em tôda a parte do Mundo por onde andei ao ver uma ponte preguntava: de quem era isto? Respondiam: *português*. Ao ver uma estrada fazia a mesma pergunta. Respondiam: *português*. Ao ver uma Igreja uma Fortaleza sempre a mesma resposta: *português, português, português?* Por isso faço votos para que pelo rodar dos tempos se Marrocos vier a ser Esquimó ou Chinês os que vierem depois de nós encontrem lá tantos vestígios franceses como nós encontramos portugueses». É preciso que hoje como então o Império possa atestar aos vindouros o esforço português no século XX.



O ataque feito ao projecto da irrigação do Vale do Limpopo pela razão da coloni-

zação se efectuar numa região baixa onde não pode haver adaptação da raça branca não tem razão de ser, porquanto os colonos do Umbelusi lá vivem com as suas famílias e o Chai-Chai, Chibuto e Guijá ainda se não despovoaram.

A colónia muito lucrará com a abertura dêste novo campo de expansão para as suas actividades. Tôdas elas desde a criação de gado às indústrias delas resultantes dariam colocação a muita gente que hoje é forçada a abandonar a actividade agrícola porque de dia para dia encontra no indígena um competidor irreductível.

• • • • •  
VISADO PELA COMISSÃO

DE CENSURA DE LISBOA

# A MÁQUINA CIVILIZADORA

POR ALBERTO JAIME DE AZEVEDO

Engenheiro I. S. T.

**C**OLÓNIAS! África! Pretos! Calor! Febres! Mato! Feras! — Associação de ideias irresistível. A ideia «máquinas», essa, está reservada para quando se pensa na América, Inglaterra e nos grandes países industriais, mais que outros chamados

*sus abyssum invocat*. Quanto mais máquinas existem, mais fácil é inventar outras. No mundo sem máquinas, a custo desabrocharia hoje a flor do génio.

Nas colónias, a máquina exerce a mesma influência que nas metrópoles: maior rapidez de trabalho, produção mais perfeita, mais económica, maior número de comodidades proporcionadas. Prepara e estimula o homem, branco ou preto, para uma vida de maior cultura, de mais utilidade e mais altas aspirações.

Mas, a par disso, a Máquina, sendo o símbolo da dominação da Natureza pelo Homem,



Lunda

Quedas de água do Dala



Lunda

Belo exemplar de Mangueira

países civilizados. As colónias africanas, por isso, só são consideradas civilizadas na proporção das suas máquinas.

É um erro aferir o grau de civilização dum povo pelo número de automóveis ou de lâmpadas eléctricas que conta,—como, aliás, é exagerado medi-lo pela percentagem de anal-fabetos.

A Civilização, com C grande, não se manifesta por assombros transitórios, mas por obras duráveis que reflectem e traduzem o poder intelectual dum povo. Assim, um livro equilibra uma máquina; um monumento compensa uma invenção. Pericles, da Vinci, Camões valem Stephenson, Edison, Claude.

No entanto, não deixa de haver uma forte concatenação entre o progresso material e o progresso espiritual. A evolução da Ciência rasga novos horizontes ao pensamento. *Abys-*

fere a imaginação do indígena, assombra-lhe a percepção rudimentar pela superioridade esmagadora que revela.

Por outro lado, é fora de dúvida que a adaptação do indígena à máquina desenvolve-lhe e patenteia qualidades latentes de trabalho, e daí maior rendimento do seu esforço. Um indígena que, pela sua habilidade manual, estaria sempre em condições de inferioridade relativamente ao branco, pode, em determinados casos, alçar-se a desempenhar a sua tarefa quasi tão bem como um europeu.

Dizemos «quasi», não por orgulho ou por mór de salvaguardar o prestígio do branco, mas porque, em ocasiões em que a máquina manifesta os seus defeitos e é preciso recorrer à inteligência, incontestavelmente menor na raça indígena, o branco estará sempre em primeiro lugar.

O abismo que vai do trabalhador indígena que maneja uma picareta, ao operário branco que tripula uma «Garratt» só se consegue transpor por uma maior difusão da máquina.

Eia, pois:

—Libertemos a energia potencial das quedas de água das colónias, construamos centrais, dêmos à fada Electricidade a sua varinha de condão;

—Rasguemos e fecundemos o seio da terra por meio de tractores;

—Instalemos fábricas, oficinas, motores, telefones, telégrafos;

—Façamos circular combóios, caminhões, automóveis, aviões, reduzamos ao mínimo os malefícios desse daninho parazita do verdadeiro trabalho: o Transporte;

Contribuamos para fazer desaparecer a arcaica trindade «Agricultura, Comércio e Indústria» para só substituírem os dois polos da actividade humana: Trabalho e Produção.



Infelizmente, os governos coloniais africanos não favorecem nem impulsionam a difusão dos inventos mecânicos. As leis, que não acompanham a evolução da Ciência, obstam à mecanização integral dos transportes, à industrialização da agricultura, à utilização das maravilhosas máquinas modernas. Daí desequilíbrio, conflito, prejuízo.

Ai do particular que pretender instalar, para benefício seu e da colónia, uma máquina produtora, utilizadora ou transformadora de energia! Se não tiver uma grande dose de paciência e perlinácia, esmorece e desiste,

acabando por desejar que apareça quem invente uma máquina de quebrar o cimento da rotina governativa!

Porque, para que opôr dificuldades à propagação dos frutos da Ciência?

Na época actual, tudo quanto se pretenda fazer fora do critério científico, é votado a fracasso. A Ciência, justamente porque vai sempre corrigindo-se a si mesma, não tolera erros, e avança sem olhar a obstáculos. A era dos processos primitivos, o «bom tempo» das tentativas rústicas já passou. Vivemos no reinado de Sua Magestade a Técnica.

Isto, que é válido geralmente, é aplicável com mais enfase nos países novos como são as colónias.

Cada máquina que entra nas colónias é mais uma pedra cimentada no edifício da nossa civilização. Representa, pelo seu trabalho, dezenas de colonos que emigram da Pátria-mãe.

Que os nossos novos padrões sejam os dinamos, que os tractores substituam as espadas.

Antigamente, eram os pelouros do «Terribil» e os quadrados de Mouzinho; hoje são as máquinas—os grandes instrumentos da civilização colonial.

---

---

## Exposição de Bruxelas



O Pavilhão das Empresas Coloniais

# GRANDES EXCURSÕES COLONIAIS

---

## Cruzeiro de Férias às Colónias

Organizado pela excelente revista «O Mundo Português» e incluído no programa de propaganda do Ministério das Colónias, realiza-se em Agosto e Setembro próximo o 1.º Cruzeiro de Férias às Colónias, cujo êxito está desde já assegurado por numerosas inscrições.

O Cruzeiro, do qual farão parte, especialmente, gente moça, visitará as nossas colónias da África Ocidental onde já se organizaram programas de visitas que permitem aos excursionistas colher uma impressão agradável e de-certo inesquecível sobre êsse Portugal distante que através de realizações como esta e outras já levadas a efeito se aproxima cada vez mais da Metrópole.

É de lamentar que circunstâncias de ordem material não permitam levar o Cruzeiro até Moçambique, onde os excursionistas colheriam uma impressão mais forte do esforço português em terras de Além-Mar. Mas a ideia de-certo vem a ter realização num futuro próximo—pois o 1.º Cruzeiro não será o último.

O primeiro pôrto de escala, S. Vicente, servirá para dar uma ideia da alma de Cabo Verde. S. Tomé, logo a seguir, mostrará o que é a paisagem equatorial. Embora sem o navio parar, os passageiros poderão ver, em Santo António do Zaire, a foz do grande rio. Em Luanda será a excursão recebida com tôdas as honras. Depois duma visita aos arredores da cidade, os viajantes seguirão de combóio para Malange. Partindo para Pôrto Amboim, visitarão, também de combóio, as fazendas. Do Lobito, para onde seguirá o vapor, irão a Benguela e ao Cassequel. No dia seguinte, tomarão novamente o combóio para o Huambo, de visita ao planalto. Retomando

o paquete, irão a Mossâmedes, de onde partirão em combóio para o Lubango. Após a visita à Huila, terão ocasião de assistir nos areas de Mossâmedes a uma caçada.

No caminho do regresso, o vapor irá à Ilha do Príncipe, e de ali à Guiné, onde os viajantes muito terão ocasião de ver e de admirar. Um último espectáculo oferece ainda aos excursionistas o Cruzeiro de Férias: a ilha encantadora da Madeira, onde o navio ficará tempo bastante para que, não só o Funchal, mas o interior da ilha possa ser visitado. E, finalmente, a volta a Lisboa também será um prazer—o prazer de regressar. Estamos certos de que os viajantes se sentirão enriquecidos de experiência, de conhecimentos e de orgulho nacional ao desembarcar no cais de Lisboa, dois meses depois da partida.

## A Excursão Venatória a Angola

Sensivelmente ao mesmo tempo partem para Angola, em excursão venatória organizada pela Agência Geral das Colónias—a primeira grande caçada internacional com objectivos de propaganda turística que se realiza em Angola—as ilustres personalidades do país vizinho senhores marqueses de Viana, del Merito, de Valdesevilla e de Orellana.

Percorrerão grande parte do sul de Angola, onde se demorarão cerca de um mês, caçando nessa riquíssima região venatória, as espécies indígenas.

Conduzirá a caravana, possivelmente, o capitão Henrique Galvão, agregando-se-lhe à partida de Mossâmedes para o interior o Dr. Abel Pratas e o grande caçador Teodósio Cabral.

A «Portugal Colonial» arquivará nas suas colunas a reportagem desta excursão.



# Página literária

**D**URANTE este mês de Maio nublado e incerto como a atmosfera carregada da paz entre os homens, afastou Deus a iminência da Guerra considerando mais dignas de amparo—pelas graves ameaças que as laceram,— as vítimas obscuras mas irresponsáveis, que os jogos engenhosos das ambições políticas desdenhando responsabilidades e escrúpulos.

Durante este mês de Maio de Ladaínhas a Nossa Senhora festejada no seu trono incensado, almas ingênuas murmuraram num dolorido desabafo de satisfação e alívio: «¿Porque não é o mundo um grande altar com flores e luzes acesas?»

Realmente, diante do incomparável refúgio do catolicismo, na visão consciente da fé na doçura, na paz e na luz que desce até nós vinda das regiões etéreas onde não há entrada para a inveja nem para a maldade, onde o orgulho não oprime nem a vaidade sufoca, é compreensível que uma claridade mais forte que todo o possível brilhantismo da nossa mísera humanidade, faça cambaleiar a nossa estabilidade na luta.

## DEVOÇÕES

POR

BERTA LEITE

No oscilar porém dêsse equilíbrio há enfraquecimento da Vontade de bem servir a Glória de Deus.

E, o que a maior parte das vezes nos dá a vertigem da desistência do Mundo, é uma pérfida tentação de vida contemplativa onde se esconde a sensualidade espí-

ritual e a falta de novas energias para novos combates.

Torna-se então necessário reconhecer que o abandono da missão que nos foi destinada deixaria apoderar-se da nossa actividade uma cobardia imperdoável e, considerar sobretudo que apenas o sacrifício saciará a sede de justiça que consome as almas fiéis.

Certos colonialistas embrenhados por ideologias arrebatadoras que desistem a meio do caminho da sua tarefa, bem-dita, só porque Portugal não é só a África, lembram essas devoções meio arrastadas pela comodidade da Vida contemplativa, que pela parte mais agradável do Culto, desleixassem a própria essência dêsse mesmo Culto: o dever bem cumprido.

(Conclue na página 13)

# DA IMPRENSA

## IMPRENSA ESTRAN- GEIRA

# T R A N S

**N**ÃO é nos-  
so intuito  
analisar e  
comentar  
as decisões da S. d. N. A confusão em Génova é grande demais para que se possa esperar alguma cousa de claro. Trata-se de perguntar, qual é a opinião italiana, o que é que quer a opinião italiana. E também, qual é a representação de certos Estados no conflito que pode muito bem, tomar amanhã, um aspecto trágico.

### Ambições italianas

A Itália chegou tarde a unidade: portanto abordou relativamente tarde o continente africano, e abordou-o do lado mais difícil. A Etiópia, a Somália, eram justamente a costa por onde o império etiope poderia alcançar o mar.

Quem tomasse essa costa era quasi obrigado a avançar para o interior. A Itália obteve primeiro, uma espécie de protectorado; depois encontrou pela frente um homem extraordinário — Menelik que soube fazer a união de todos os reinos locais contra a Itália — e foi a derrota de Adona.

A Itália aguentou firme. Depois, soube conquistar a Tripolitânia, mas os sonhos de conquista na Ásia menor, falharam, e não teve a sua parte, na partilha das colónias alemãs. Em resumo: em 1919, não possuía senão um império colonial de segunda ordem, inferior não só aos impérios da Inglaterra e da França, mas também aos do Japão, da Holanda e de Portugal.

Pensou então em talhar um, muito mais vasto, e depois da guerra constituíram-se na Itália duas escolas nos meios coloniais.

### As duas escolas

Uma pedia, que a Tripolitânia viesse até ao Tchad; depois, que a França, em virtude do tratado de Londres, cedesse a Itália o mandato sobre o Cameroun; a outra sonhava em conquistar a Etiópia. Quando perceberam que a França não cederia nada — nem sobre o Tchad, nem sobre o Cameroun, foi a segunda Escola que seguiu para

a frente. E então a Itália, aproveitou-se da Inglaterra, fez com esta um acôrdo, pelo qual a Inglaterra lhe deixava as mãos livres na Etiópia, sob condição, da Inglaterra guardar para si o controle do lago Tsana, pois que a Etiópia, deve ser considerada como sendo o "chateau d'eau", do vale do Nilo.

A França entendeu, que devia protestar, primeiro, porque assinou um acôrdo tripartido, depois, porque possuía Obok e Djibouti. Construiu o caminho de ferro de Djibouti a Addis-Abeba. Não podia, portanto ser relegada para segundo plano. E tão pouco o admitiu, que favoreceu a entrada da Etiópia na S. d. N.

O estratagema foi acertado? É discutível. É evidente que a escravidão reina numa grande parte da Etiópia, como aliás em toda a Sibéria, e que é fazer de povos como a Etiópia ou a Sibéria, que são exactamente povos

bárbaros, povos juridicamente iguais à França, à Alemanha, à Inglaterra ou à Itália, foi talvez imprudente. E vimo-lo bem, quando os nossos administradores e os nossos militares foram massacrados, pelas tribus, que teóricamente, dependiam da autoridade Etiope.

### A Itália contra a Etiópia

Algumas semanas depois, produziam-se

os acontecimentos de Oual-oual. A questão envenenou-se. A Itália mandara tropas, e para que se visse bem claro que não tencionava arredar pé da Europa, levava forças num total de 900.000 homens. Não há dúvida que pode assim, e sem que o seu front de combate ficasse enfraquecido, enviar à Etiópia gente bastante para parar qualquer ataque etiope e ali, tomar a ofensiva. Esta ofensiva, querera a Itália tomá-la? Terá interesse em tomá-la?

A Etiópia é um bom pedaço, mas, como em tempos para o sultão de Marrocos, a soberania do preto é ideal. Não só muitas das tribus são insubmissas, como a maior parte dos governadores locais, são reis pequenos independentes, e a Itália, pode divertir-se com essas divisões, determinar revoltas, revolucionar palácios.

O grosso dos Etiopes é formado por cristãos, mas, existe também uma minoria musulmana; pode-se revoltar os musulmanos contra os cristãos. Depois... os italianos

(Conclue na pág. 12)

# C O L O N I A L

## CREVE-SE

## IMPRENSA PORTU- GUESA

**L**IBRE aujourd'hui des fonctions que je remplis à l'Exposition Internationale de Bruxelles, je peux me entretenir un peu avec les lecteurs du "Diario de Noticias", de cette réalisation merveilleuse.

Je veux premièrement accentuer qu'elle est une preuve étonnante de l'énergie, de l'organisation de l'esprit constructif et de la capacité d'un peuple incomparable qui persiste depuis la guerre à émerveiller avec son patriotisme et l'ardeur de ses démarches successives vraiment gigantesques, les plus puissantes nations.

Concevoir une exposition universelle et internationale avec l'envergure qui fut donnée à celle de Bruxelles, un pays petit comme l'est la Belgique, représente déjà un acte d'audace qui suffit à démontrer la force d'activité, la confiance virile et justifiée que ce peuple tient de lui-même. Mais, réaliser une œuvre de cette grandeur, en pleine

crise, par un pays si durement éprouvé, est un acte qui donne le droit de placer la Belgique à côté des nations qui se jugent capables de vivifier l'Europe décadente.

En diverses occasions j'ai pronostiqué le succès complet de l'œuvre formidable où les Belges s'élançèrent et qu'ils finirent à la date annoncée, telle qu'elle fut conçue.

De ce même journal, je prévis aussi les nombreux pays qui se joindraient à cette exposition parce que ces pays, au contraire du nôtre connaissent toujours exactement les avantages qu'il existe d'établir un contact permanent avec ce peuple progressif, commercial et pratique, qui cherche toujours, partout, l'expansion économique de ceux qui facilitent le développement de ses exportations.

Si j'ai insisté depuis 1930, pour attirer sur cette affaire l'attention des personnalités qui au Portugal pourraient s'intéresser pour leur pays, c'est parce que je crus que notre Pays avait le plus grand intérêt et même l'obligation morale de se faire représenter officiellement par un pavillon digne de nous à l'Exposition Internationale de Bruxelles. Nous sommes voisins de la Belgique en Afrique, et voisins très amis. Lui peut-être un jour — et Dieu veuille que ce jour soit le plus tard possible, — auront l'occasion de se transformer en alliés, pour se protéger mutuellement de possibles dangers communs. Nous avons avec la Belgique des relations commerciales qui aujourd'hui ont une importance extrême dans la balance économique et qui tous les ans se développent de plus en plus.

En Europe nous sommes, la Belgique et nous, deux pays petits, qui, sachant combien aujourd'hui est pressante l'ambition de certains peuples dans ses armements, nous aurons toujours de grandes avantages à resserrer l'amitié qui déjà nous unit.

Mais il y a encore un autre motif non moins important pour qu'en toutes circonstances nous soyons agréables à la Belgique: c'est qu'il n'y a aujourd'hui en Europe aucun Pays, où les manifestations de vie portugaise soient suivies et étudiées avec plus d'intérêt et où la vaste œuvre constructive et morale de l'Etat Nouveau ait atteint pour les hommes du Gouvernement et pour les autres personnalités nationales, plus de chaleureux éloges.

Malheureusement, tout ce que j'ai dit et demandé a en l'effet de "fûcher dans le désert". Le Portugal ne se fit pas représenter officiellement à l'Exposition Internationale de Bruxelles et aujourd'hui, combien de personnes qui contrarièrent ma croisade, reconnaissent, un peu tard, hélas! l'erreur qu'ils pratiquèrent — telle est la grandeur et la valeur de l'Exposition, qui, en moins d'un mois, fut déjà visitée par cinq millions

## L'Exposition de Bruxelles et la Presse Portugaise

### Le Portugal a l'Exposition de Bruxelles

De le "Diario de Noticias,"

de personnes! S'il fut possible d'arriver à atténuer l'effet déplorable de cette absence dont quelques personnalités belges un déclarèrent "être pour elles inexplicables", ce fut parce qu'à la dernière heure, "la Maison du Portugal", à Antuerpia, résolut par la suggestion de notre illustre diplomate Mr. Augusto de Castro, prendre à sa charge officiellement, la représentation de notre Pays.

Si parce que, pendant quelques jours, j'ai dirigé cette représentation, confiée par "la Maison du Portugal", il se trouve quelques amis fanatiques qui me décoient avec des éloges hyperboliques, qui me font mal, il y en a d'autres qui ni excommunient parce que la Section Portugaise est modeste: Et bien que cette modestie, ne soit pas honteuse pour mon Pays, ces amis croient, que je suis coupable de cette modestie.

Je dirai aux premiers la même chose que je dirai aux seconds. Je ne veux ni les honneurs que je ne mérite pas, ni les responsabilités qu'ils me prêtent. Les honneurs appartiennent sans faveur au représentant de notre Pays en Belgique, à la "Maison du Portugal", au Dr. Armindo Mon-

# A ITÁLIA EM ÁFRICA

(Conclusão da pág. 10)

são mestres na diplomacia. Demais, a questão pode-se arrastar quanto possível e necessário.

Nós precisámos praticamente de trinta anos, para conquistar Marrocos, na sua totalidade; gastámos cinco anos para construir a estrada de Casablanca a Fez. Quando do nosso desembarque em Casablanca, nunca a Europa imaginou que um dia possuiríamos Marrocos. E é bom não esquecer que tendo Marrocos o mar à vista, poderiam as nossas operações, provocar mais facilmente reacções nas potências estrangeiras. Mas na Etiópia? A Etiópia está inteiramente rodeada pelas possessões inglesas, francesas e italianas.

Bem sei que será preciso contar com a S. d. N. mas não esqueçamos, que o Japão se retirou da S. d. N. para conservar a Manchória, e que a conservou, e que a Alemanha se retirou da S. d. N. para se poder armar à sua vontade, e que se armou. A Itália pode muito bem retirar-se da S. d. N. para tomar a Etiópia. Não irá até lá, mas será porque a S. d. N. não lhe proporcionará ocasião para sair.

## A Etiópia e a S. d. N.

Confessemos que se a Etiópia não fôsse membro da S. d. N. nem em Génova nem fora, se ligaria ao assunto a mesma importância; mas, a Etiópia é membro da S. d. N. Com o admitir que de dois Estados, membros da Sociedade, um seria protector e outro protegido? Parece que nunca se viu semelhante coisa!

Em compensação têm-se visto Estados, membros da S. d. N., Cuba, Haíti, para não falarmos da Sibéria, serem submetidos a influência e até a intervenção militar estrangeira, de Estados estrangeiros: têm-se visto também os Domínios ingleses presidir em Génova ao lado da Inglaterra.

Estas observações servem para sublinhar que com a ajuda da diplomacia, pode-se arranjar tudo. A Etiópia é bárbara, é um facto.

Mas tem imensas riquezas que dormem ainda e que devem ser aproveitadas.

A Itália está indicada para cumprir a missão civilizadora de zelar e cuidar um grande império, ser a organizadora da Etiópia moderna.

teiro ex-ministre des Colonies, à Mr. Antonio Ferro, directeur du Secrétariat National de Propagande, à l'Institut des Vins de Porto, à l'Union Portugaise des Conserves de Poissons, à l'Assemblée du Commerce d'Exportation et à tous les organismes qui secondèrent la "Maison du Portugal," dans son entreprise.

Les responsabilités appartiennent à ceux qui fuirent à vouloir contribuer avec les ressources financières indispensables à toutes représentations vastes et somptueuses dont elles ont besoin.

Quant à moi, je n'ai rien fait d'extraordinaire: j'ai fait mon devoir de portugais.

Est ceci ne mérite ni éloges, ni recriminations.

VÍTOR FALCÃO.

## Contras Possíveis

A França não se oporá, com certeza, ainda que seja ela quem tenha levado a Etiópia a Génova; pode-se supor que encolherá os ombros perante as ambições italianas. As conversas com Roma devem ter frizado esse ponto.

A Inglaterra fará algumas reservas sobre o lago Tsana; essas *démarches* devem estar sendo tratadas neste momento entre Londres e Roma.

O Japão tem feito nestes últimos tempos uma campanha interessante para eles na Etiópia: os japoneses compraram campos de Algodão, até colonos; inundaram o mercado etiope com os seus produtos; mas nenhum país da Europa tem interesse em os ver dominar economicamente a Etiópia — demais o Japão deixou a S. d. N.

Falta a Alemanha: diz-se que muitos alemães se dispõem a partir como voluntários para a Etiópia; se o boato for certo, a Itália levará uma guarda mais vigilante ao Brenner e observará a Áustria com um olhar mais desconfiado.

## Conclusão

Total: o ponto mais sério não é esse. O que precisamos perguntar não é o que fará a Etiópia, o que fará a Alemanha, quais serão os resultados da sessão de Génova, mas sim o que fará a Itália financeiramente falando. Sabemos que tem dificuldades. Qual é a ordem da grandeza dessas dificuldades?

E no caso preciso pensará ela em pedir o apoio da França? e esse apoio, estaremos nós em condições de lho fornecer?

Os destinos da Itália estão na África.

A Itália pode ser na Etiópia um papel preponderante de civilização a representar. Pode endireitar um imenso império sem que o povo etiope perca outra coisa do que a anarquia em que vive.

Mas não o pode fazer senão sob condição de encerrar de frente os assuntos da Europa e os da África; e sobretudo de continuar sendo a amiga da Inglaterra e chegar possivelmente a ser aliada da França.

PIERRE DOMINIQUE.

## Exposição de Bruxelas



Conjunto dos pavilhões coloniais belgas

110

# estranheiro

## 1935, comemora uma semana colonial

Realizaram-se as manifestações da Semana Colonial, organizada todos os anos em Paris, na província e nas colónias.

O programa compunha-se como de costume de palestras quotidianas radiodifundidas, uma exposição permanente de objectos e produtos coloniais nos grandes estabelecimentos, e de livros coloniais nas grandes livrarias.

A propaganda a favor dos frutos e seus derivados da França de além-mar, tem este ano apesar da época já estar muito adiantada, uma importância excepcional. Uma exposição de frutas organizada de colaboração com a Agência Geral dos Frutos da França e das Colónias, apresentaram a produção da África oriental e ocidental francesa: As vitrinas da Agência das Colónias Autónomas, foram reservadas aos frutos das Antilhas e da Guayana.

No hall da estação do Este, uma apresentação de conjunto da nossa produção nacional, permitiu aos passageiros de verificar a qualidade e variedade das frutas provando-as ali mesmo ou levando-as devidamente preparadas.

Para terminar, no dia 27 de Maio, nas salas do *Journal*, sob a presidência de M. Alcide Belmont, deputado pela Martinica e antigo sub-secretário das Colónias. Uma festa grandiosa evocou os esplendores da Indo-China.

Arescentemos ainda, duas visitas interessantíssimas: uma das colecções coloniais no Museu das Colónias pelos alunos das Escolas Gerais; a outra a rica biblioteca do Museu de História Natural, sob a direcção de M. Bultinghaire.

(De la *Tribune des Nation*).

## O Crédito no Congo

Existe infelizmente no Congo, um velho costume que no interesse de todos devia desaparecer completamente, para só existir como uma má lembrança: é a venda a crédito.

É de esperar que uma vez a crise vencida, esse velho costume seja completamente abandonado na nossa colónia.

O comerciante entrega a sua mercadoria contra um simples vale que vai juntando aos outros para no fim do mês os enviar a casa do freguês e receber o seu dinheiro. As vezes junta centenas, e conta com esse dinheiro para fazer face aos seus compromissos, ou para o enviar para o estrangeiro com o fim de refazer os seus stocks. Infelizmente o dinheiro não entra como o desgraçado comerciante julgava: certos clientes gastaram largamente o seu orçamento mensal e não podem pagar a totalidade da dívida; outros não pagam absolutamente nada, ou por inconsciência ou por impossibilidade.

E é assim que a maioria dos coloniais que se dedicam

ao comércio se vêem obrigados a fechar as portas no fim dalguns anos. Os primeiros meses, fazem face às primeiras despesas pondo do seu dinheiro particular; no fim dum tempo, pedem para renovar as letras e finalmente vem a catástrofe, a inevitável descida.

A triste falência é mais freqüentemente infeliz do que fraudulenta. No activo aparecem somas formidáveis, espera-se uma repartição aceitável, e no fim de contas como há devedores insolventes e de dívidas irrecuperáveis, o resultado da liquidação, é quasi sempre nulo.

O armazenista, encontra-se muita vez, numa situação dolorosa, porque tendo mais dum cliente em estado de falência, é arrastado no desastre. Assim, uns provocam involuntariamente a queda dos outros; é o comércio morto pelo crédito, o único responsável.

(Do *l'Essor Colonial et Maritime*).

## O Congo, é belga?

Mr. Gelders pergunta isto no "Essor Colonial", do dia 4 de Maio. Tem motivos para duvidar e o seu quadro é bem inquietante, os números citados nêle também!

Atribue com razão a diminuição da nossa ocupação à crise que fez licenciar um número elevado de empregados de tôdas as hierarquias.

Exacto. Mas, se em vez do "empregado", se encontrassem ali "homens livres", trabalhando por sua conta, isto nunca teria acontecido. Mr. Gelders constata a ausência desta categoria de cidadãos, mas não diz o motivo da dita carência. É esta: a imensa maioria dos belgas, até os mais "coloniais", não se querem afazer à ideia da partida definitiva, sem espírito de regresso. Enquanto esse "espírito de regresso", existir, não se deve esperar nada de estável no Congo.

Admite-se entre nós que o belga vá definitivamente estabelecer-se para o Canadá, a República Argentina, a Alger, até a... Paris! Mas falar-lhe dum estabelecimento definitivo em Katanga ou no Alto Itiori, ou nas margens do Tanganika, ou nas margens encantadas do Lago Kivo, e ouvireis agudos gritos de espanto, sereis tratados de "monstros sem coração".

E no entanto, era preciso mudar esse absurdo.

A. V. I.

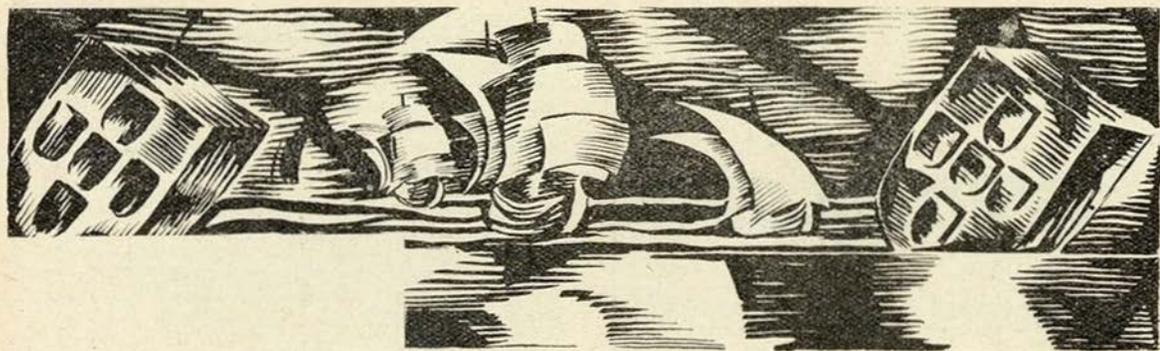
(Do *l'Essor Colonial et Maritime*).

## DEVOÇÕES

(Conclusão da página 9)

Fôrça é, pois, procurar a maneira de lhes fazer compreender que os Mandamentos da Lei significam sobretudo que a luta honesta deve prosseguir sem tréguas, penosa, árdua, ingrata e sem desfalecimentos para que pelo amor sagrado da Pátria, se obtenha pela propaganda tenaz dum esforço que saiba não esmorecer, sempre e através de todos os sacrificios, que a África portuguesa continue a ser só Portugal.

Maio, 1935.



# Império Colonial Português

Foi determinado aos governadores das colónias onde existam liceus centrais que os alunos do 7.º ano façam nesses liceus o curso suplementar, bem como o exame final, devendo os reitores enviar para o Reitor das Universidades da Metrópole, as provas dos exames, de modo a darem entrada até 31 de Julho próximo os requerimentos dos alunos, que terminaram o 7.º ano devem dar entrada nas Universidades que pretendem cursar até 10 do citado mês.



Vai ser regulamentada a lei que aprova as bases para a reorganização do Conselho Superior do Império Colonial.



Vai ser reorganizado o quadro da Fazenda das Colónias.



Vai ser regulamentada a lei aprovada pela Assembleia Nacional que torna obrigatória a habilitação da Escola de Medicina Tropical para poderem fazer clínica nas colónias tanto aos médicos do quadro de saúde das mesmas, como aos médicos particulares, sendo contudo, reservados os direitos adquiridos pelos que estejam já exercendo clínica no Ultramar à data da publicação da lei.



Foi atribuída, para os efeitos da lei, personalidade jurídica ao Conselho de Câmbios da colónia de Angola, que terá capacidade para praticar todos os actos necessários ao exercício das funções que pelo decreto n.º 19.773, de 27 de Maio de 1931, lhe são atribuídas, podendo contratar e estar em juízo.



Pela publicação do decreto 25.473, foi extinto o Tribunal Militar, que havia sido estabelecido pelo decreto de 5 de Junho de 1894, no território sob a administração da Companhia de Moçambique.



Deve ser publicado brevemente um decreto introduzindo várias alterações ao regulamento de disciplina militar colonial.



Foram mandadas ouvir as estações superiores do Ministério das Colónias acerca do requerimento dos fabricantes e exportadores de correias de couro, pedindo benefícios pautais para os seus produtos.



O Grémio do Milho Colonial, informou o Ministério das Colónias de que do vapor "Malange", chegado ao Tejo, está sendo transbordado 3.700 toneladas de milho, vindo dos portos de Benguela e Lobito para bordo de dois vapores que o conduzirão a Liverpool.



Vai ser regulada a venda de gasolina ou de oleos minerais leves, usados como combustível nos motores de propulsão nas nossas colónias, ficando a venda sujeita aos preços máximos e mínimos que forem fixadas em virtude das cotações e informações colhidas oficialmente

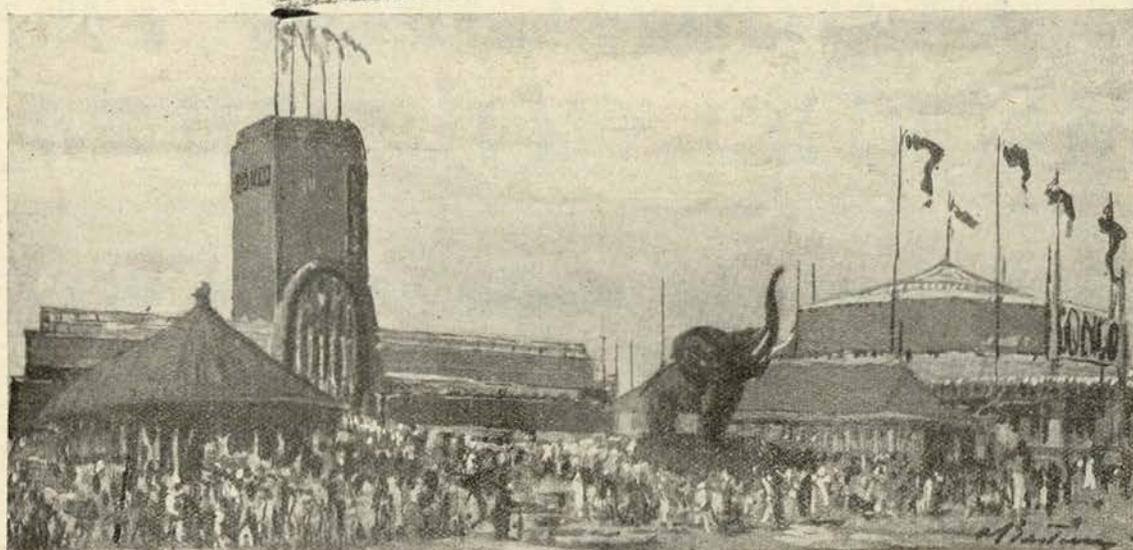


Foi publicado um decreto determinando que os anos económicos a que é referida a contabilidade da Agência Geral das Colónias passem a coincidir com os anos civis, a partir de 1 de Janeiro de 1937.



Vai ser regulado o preenchimento das vagas existentes nos diferentes quadros de algumas das nossas Colónias.

# Exposição de Bruxelas



O Palácio do Congo e o Pavilhão do Panorama

## CONSULTÓRIO

P.—Desejava saber quais as obras que existem publicadas sobre pesca em água salgada, conservação e preparação do pescado, processos de pesca. Em português e espanhol.

R.—Não é vasta a bibliografia. Pode consultar com confiança as seguintes: "A pesca," (publicação da Secção Portuguesa da Exposição de Sevilha) pelo sr. Vicente Almeida d'Eça; "A Pesca e os pescadores de Portugal," pelo sr. Guilherme Salgado; "A pesca do bacalhau," pelo sr. Carvalho Brandão; "Estado actual das pescas em Portugal," pelo sr. A. A. Baldaque da Silva; "El Patron de Pesca," por Benigno Rodriguez; "Conservas de Peixe," por Cunha Dias.

P.—Desejava saber qual a cotação do leite de mamão ou papaia, como se deve colher e embalar para exportar, se será preferível extrair aqui a papaina, como se extrai e qual a sua cotação?

R.—Não é prática a exportação do leite de papaia. Ou teria que submeter-se a processos de esterelização e embalagem dispendiosíssimos para o conservar em condições de chegar à Europa—e ainda assim com muitos riscos—ou se estragaria completamente poucos dias depois da extracção. Só seria utilisável para consumo local.

Também não é aconselhável a extracção da papaina com fins comerciais. Tôdas as farmácias de Lisboa não lhe consumiriam um quilo por ano. Outros produtos mais baratos substituem hoje, com vantagem, a papaina.

A extracção faz-se por meio de incisões no caule, idénticas às que se praticam nas árvores da borracha.

## Livros e publicações

Recebemos e agradecemos:

*La Quinzaine Coloniale.*  
*Voz das Colónias.*  
*Tribune des Nations.*  
*Axione Coloniale.*  
*União.*  
*O Brado Africano.*  
*African World.*  
*Moçambique.*  
*Boletim de Agricultura.*  
*Século.*  
*Boletim Trimestral de Estatística da Colónia de Angola.*  
*Boletim da Agência Geral das Colónias.*  
*Revista «Diogo Cão».*

**Babel Negra**, por Landerset Simões.

Ainda há pouco tempo assinalamos nestas colunas o aparecimento dum magnífico volume sobre etnografia de Timor. Subscrevia-o o tenente Pinto Correa.

Hoje, com igual prazer, temos que referir-nos a um novo trabalho sobre etnografia—desta vez referente aos povos da Guiné: *A Babel Negra* do sr. Landerset Simões.

Não sabemos se o trabalho que acabamos de ler dum fôlego é o melhor da especialidade escrito em lingua portuguesa—mas é certamente o mais curioso dos que temos lido. Até pela elegância e simplicidade de linguagem em que está redigido é este um livro que honraria a literatura colonial de qualquer país.

(Conclue na página 19)

# INFORMAÇÕES DO MUNDO COLONIAL

## Crónica do mês Adolfo Pina

**N**UNCA mantivemos com Adolfo Pina *se-* não relações muito superficiais. E, todavia, quando recebemos a notícia da sua morte, por tantos motivos inesperada, o acontecimento chocou-nos como uma brutalidade—dessas muitas que a vida se com-



Adolfo Pina

*praz em trazer-nos, talvez para nos recordar que não é fácil nem barato este afan de viver em que andamos.*

*Não era nosso parente, amigo ou inimigo. Nunca tivemos interesses, directos ou indirectos,*

*que nos unissem ou afastassem—pode dizer-se: apenas conversamos algumas vezes.*

*Havia na sua maneira de ser—ou na nossa—qualquer coisa que estabelecia para as nossas vidas e actividades círculos estranhos. Éramos, numa palavra, pessoas diferentes nas almas como nos corpos.*

*E contudo sentimos sinceramente a morte de Adolfo Pina—êsse Pina gordo e típico, figura inevitável de Luanda, de olhos azuis e carnes papudas, que esteve ligado durante muitos anos aos acontecimentos mais íntimos das vidas da cidade e da colónia.*

*É porque Adolfo Pina não era uma figura banal.*

*Êsse homem de quem quasi sempre ouvi dizer mal—mas que não era uma creatura odiada—foi a pessoa mais inteligente que conheci em Angola.*

*Jornalista de raça, com o sentido e a preparação intelectual que o jornalismo exige dos bons profissionais, observador arguto, espírito vivo e compreensivo, Adolfo Pina foi, acima de tôdas as malquerenças, no meio difícil em que viveu, um valor extraordinariamente brilhante que honrava a Colónia e a quem a Colónia deve bastante.*

*Estou convencido que os próprios inimigos o consideravam.*

*Mesmo do outro lado duma barricada—embora nós nunca soubéssemos, ao certo, se êle pertencia à nossa ou à contrária, ou ainda se não pertencia a nenhuma delas—Adolfo*

*Pina era alguém que podia não ser estimado por todos mas que todos admiravam como homem de inteligência e de talento.*

*Luanda perdeu com êle, não só uma das suas figuras mais curiosas—mas também um dos seus valores mais marcantes.*

*Ouvi dizer muitas vezes a pessoas que não eram decerto suas amigas: é um destruidor, um maldizente, um espírito negativo.*

*Hoje que tôdas as paixões decerto arrefeceram perante o seu cadáver, estou certo que ninguém sinceramente manterá, ácerca do homem que deu a Luanda um jornal diário que é, de longe, o melhor que se publica em todo o Império, que prestou a sua colaboração a numerosos estudos que na Colónia se fizeram, que prestigiou pelo seu talento a inteligência da Colónia, que interveio em tantas obras interessantes que se realisaram em Angola—ninguém certamente manterá a seu respeito um juízo tão extremo.*

*Todos que sinceramente amam a Colónia—devem hoje alguma coisa a Alfredo Pina.*

*Nós que a amamos também, inclinamo-nos comovidamente perante o morto que passa, recordando quantas cousas ficam da sua acção em Angola.*

H. G.

## Notas do mês

### Cabo Verde

Vai proceder-se, brevemente, ao levantamento hidrográfico do arquipélago de Cabo Verde.

• Foi autorizado o governador da colónia de Cabo Verde a abrir um crédito especial de 208.972\$60 para reforçar a verba de 675.000\$00 do capítulo 1.º, artigo 3.º, da tabela de despesa ordinária da colónia de Cabo Verde para o corrente ano económico de 1934-1935.

### Guiné

Segundo telegrama do governador da Guiné a conta de exercício referente ao ano económico 1933-34 acusa o saldo positivo de 2.802.236\$90 escudos, estando incluído neste saldo positivo do anterior ano económico (1932-33), na importância de escudos 1.329.335\$65, que havia transitado para o ano seguinte.

• O governo da Guiné enviou ao Ministério das Colónias 400 contos para pagamento dos encargos da colónia na Metrópole.

• O sr. governador da Guiné ofereceu o braço da colónia, fundido nas respectivas oficinas navais, ao sr. dr. Armindo Monteiro, autor do decreto que o criou, e à Sociedade de Geografia de Lisboa, e vai oferecer outro, igual, à Escola Superior Colonial.

### S. Tomé e Príncipe

O governador de S. Tomé pede lhe seja comunicada a onda e a hora de transmissão da Emissora Nacional e do Rádio Club Português pois êsses postos não são ouvidos por C. R. N.

• O governador de S. Tomé comunicou terem sido revistas e ajustadas as contas da colónia relativas ao ano económico de 1933-34, sendo as receitas arrecadadas na importância de 7.660.657\$87 e as despesas pagas na importância de 6.019.935\$27 havendo portanto um superávit de 1.640.722\$60.

• O governo de S. Tomé pede que seja resolvido o assunto relativo à fixação das taxas dos selos para o serviço postal aéreo.

### Angola

Foi submetido ao parecer das estações superiores do Ministério das Colónias a proposta apresentada pelo Caminho de Ferro de Benguela relativa à venda e subrogação das obrigações da mesma companhia.

• O governador geral de Angola comunicou ter mandado adquirir 20 toneladas de arsénico destinado ao combate dos gafanhotos, que continuam causando grandes prejuízos à agricultura.

• Vai ser autorizado o abono dos vencimentos respeitantes a Abril e Maio de 1934 aos professores provisórios dos liceus de Angola.

• O governador de Angola comunicou telegraficamente terem sido apuradas as receitas cobradas em 1933-34 sendo as ordinárias na importância de 146.915 contos, as extraordinárias em 7.180 contos e as despesas pagas foram: as ordinárias 135.492 contos; as extraordinárias de 11.092 contos, sendo o saldo positivo de 7.504 contos.

• Vai ser montada brevemente no Lobito uma Central Eléctrica para os serviços eléctricos do referido porto e respectiva iluminação.

• No cais do porto do Lobito vão ser colocados ainda êste mês provavelmente 7 guindastes com a força de 1.500 a 3.000 quilos, 2 de 2.500 a 5.000 quilos e 2 de 5.000 a 10.000 quilos para o serviço de cargas e descargas.

• Vai ser contratado um técnico urbanista para traçar um plano da cidade de Loanda, modificando-lhe o seu aspecto.

Também as outras câmaras das principais cidades de Angola, vão depois contratar o mesmo técnico para lhes elaborar os planos de aformoseamento das referidas cidades.

• O governo de Angola propôs que os agrimensores em serviço na colónia que terminaram os seus contratos possam ser de novo contratados, por fazerem falta ao serviço.

• De Nova Lisboa, além de vários melhoramentos, pedem a criação de uma alfândega privativa e dum partido médico municipal.

• Foi autorizado o governador geral de Angola a mandar liquidar os vencimentos, correspondentes aos meses de Abril e Maio do ano de 1934, dos professores provisórios e interinos dos Liceus Central de Salvador Correia e Nacional da Huíla.

• Pelo governo da Metrópole foi enviado telegraficamente mais 1.000 contos ao governo de Angola, destinados ao combate dos gafanhotos, que ali estão causando grandes prejuízos à agricultura.

• O governador geral de Angola propôs a reorganização dos serviços dos faróis da colónia, e, como existe muita falta de pessoal, pede para nomear algum pessoal interino, até que seja publicada a referida reorganização.

• O sr. governador geral de Angola propôs que seja aplicada na aquisição de material circulante, para o caminho de Ferro de Loanda a verba disponível de 1.500 contos.

Foi autorizada uma missão médica, chefiada pelo sr. dr. Primo Fratelli, director do hospital de Beblinzona, a proceder a vários estudos na nossa colónia de Angola.

• Segundo telegrama recebido de Angola, o governador geral foi em visita oficial ao Sul da colónia, e visitou as instalações do Laboratório Veterinário em Nova Lisboa, propondo para que essa obra continue, em vista da necessidade da montagem desses serviços.

## Moçambique

Segundo informação recebida da Direcção dos Serviços de Faróis de Moçambique, foi aquela colónia enriquecida com mais dois faróis, sendo um de costa estabelecido na ilha Mdjumbi, com um alcance de 16 milhas, e outro no porto estabelecido na praia de Mamerruno, à entrada do porto de Macuse, com um alcance de 10 milhas.

Este porto é bastante importante pela exportação de copra feita especialmente pelas companhias do Boror e Zambézia.

Qualquer dos faróis é de sistema "Aga", funcionando com o gaz de acetona, cujo uso se tem generalizado por todo o mundo quer nos faróis de costa quer na balisagem luminosa dos portos, estando o bom funcionamento por tal forma assegurado que a sua adopção tem sempre lugar em pontos isolados de difícil acesso, mormente nas ilhas isoladas ou cumes de montes escaarpado.

Assim na colónia de Moçambique, com extensão de costa de perto de 1.000 milhas e cujo plano de farolagem, elaborado pelos srs. almirantes Schultz Xavier e Hugo de Lacerda, preconiza o estabelecimento de 55 faróis de costa, dos quais já se acham construídos 25, seis funcionam a gaz de acetona, sendo quatro por estarem estabelecidos em ilhas (Fogo, Epidondron, Tambuzi e Ndjumbi) e dois no cume de dois montes de areia com mais de 120 metros de altura acima do nível do mar, de difícil acesso (os de Barra-Falsa e Ponta de Ouro).

As luzes são avistadas a mais de 30 milhas.

Os últimos quatro faróis estabelecidos nas ilhas Tambuzi-Mdjumbi-Ponta de Ouro e Macuse, foram construídos em cimento armado com o cimento fabricado na própria colónia, sob a direcção dos capitães dos portos, srs. primeiros tenentes Gabriel Teixeira e Horácio Rebordão, respectivamente de Cabo Delgado e Quelimane.

A execução em parte desse grandioso plano e montagem dos respectivos faróis foram dirigidos superiormente pelo capitão de fragata sr. Almeida Maduro, director dos mesmos serviços.

• A Câmara Municipal de Lourenço Marques pediu autorização para lançar um imposto sobre os cigarros e

a cerveja, de que espera obter um rendimento, respectivamente de 4.500 e 2.000 libras.

• Pela Casa da Moeda vão ser brevemente enviadas para Moçambique 5.000 contos em moedas de 10\$00 e igual quantia em moedas de 5\$00 e 3.000 contos em moedas de 2\$50. Pela mesma casa serão mais tarde enviadas as moedas em cupro-níquel, sendo 2.000 contos em moedas de 1\$00, 1.250 contos em moedas de 50¢ e de cobre 400 contos em moedas de 20¢ e 200 contos em moedas de 10¢.

• Já foi dada autorização à Câmara Municipal de Chinde a contrair com a Caixa Económica Postal um empréstimo de 300 contos para pagamento da montagem dos serviços eléctricos na referida vila.

• Foi proibida temporariamente a saída do sal produzido em Moçambique.

## Índia

Deve ser publicado brevemente um decreto tornando inalienáveis os bens imobiliários aforados do Estado da Índia.

• Foi autorizada a Câmara Municipal de Pondá (Índia) a contrair um empréstimo com a Caixa Económica Postal, na importância de 10.000 rúpias ao juro de 3 e meio por cento ao ano e amortizável em 20 prestações anuais, destinado ao abastecimento de luz e água e de outros melhoramentos.

## Macau

O Leal Senado de Macau pediu telegraficamente ao sr. Ministro das Colónias, o restabelecimento do liceu Nacional Central da colónia, acrescentando que vai enviar uma representação com grande número de assinaturas de pessoas de todas as classes sociais fazendo igual pedido.

• Foi autorizado o governo de Macau a fazer uma emissão especial de selos comemorativos da proclamação da República.

• O governo de Macau que requisitou para a emissão especial a fazer naquela colónia por ocasião do aniversário da República 300.000 selos de cada uma das taxas ali em vigor com excepção da taxa de 23 avos, pede que seja de 250.000 o número de selos a emitir.

• Em vista da Casa da Moeda estar sobrecarregada de serviço e não poder executar os trabalhos relativos à emissão de selos comemorativos da proclamação da República, emissão proposta pelo sr. governador de Macau, vai a mencionada emissão ser posta em vigor por ocasião da inauguração da próxima Exposição Colonial.

## Timor

Foi enviado um telegrama para o governador de Timor determinando que sempre que o café arábica produzido em Timor tenha nos mercados externos cotação inferior ou equivalente a 32 patacas, os direitos de exportação serão de 35 % ad-valorem.

• O governo de Timor propôs para ser dada autonomia administrativa e económica à comissão de saneamento e embelezamento da cidade de Diu, missão há tempo ali criada.

• A Associação dos comerciantes, agricultores e proprietários de Timor enviaram um telegrama ao sr. Ministro das Colónias agradecendo ao Governo a publicação do decreto que reduz os direitos do café daquela colónia.

## Livros e Publicações

(Conclusão da página 15)

O mérito da obra é tanto mais para enaltecer quanto é certo que a nenhum especialista de estudos coloniais passará despercebido a soma de trabalho que este livro representa. Os estudos etnográficos das colónias portuguesas, que só em tempos que hoje devemos considerar muito recuados, tiveram certo brilho e cultivo de talento, encontravam-se praticamente abandonados há cerca de cem anos. Para levar a cabo a sua obra na qual há grande soma de elementos colhidos directamente pelo auctor e por colaboradores dedicados, a escassez e dispersão de materiais com que lutou foram decerto difficilimas.

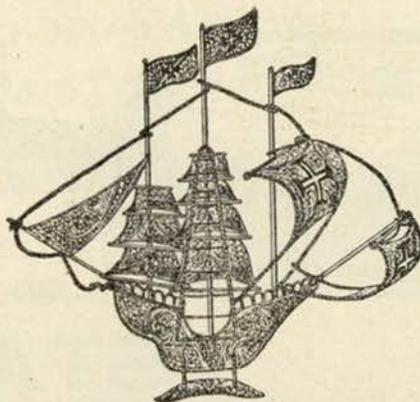
Anotemos ainda—sobre este livro em que só encontro razões para bem dizer—que o sr. Landerset Simões, soube torná-lo curioso, interessante e agradável, evitando com notável tacto o estilo macisso de certos trabalhos científicos do mesmo género. Desta forma conseguiu ao mesmo tempo fornecer subsídios utilísimos para o estudo da etnografia do Império Colonial—e, o que é também difficil, realizar um trabalho de vulgarização que interessará especialistas e não especialistas.

Gravuras, sobre desenhos do autor, de muito bom gosto.

Edição primorosamente apresentada.

H. G.

MANUFATURA DE ARTIGOS DE OURIVESARIA



CASA FUNDADA EM 1880

### GASPAR VIEIRA

Sucessor de Vicente Gaspar Vieira & Filho Suc.  
OURIVES—FABRICANTE—FORNECEDOR

As mais lindas, artisticas e inimitáveis filigranas portuguesas.

Pratas cinzeladas e grande variedade de artigos de ourivesaria.

Exportador para Ilhas, Colónias Portuguesas e Estrangeiro

Premiado na Exposição Internacional de Barcelona (1929)

DEPÓSITO PERMANENTE PARA REVENDA

Rua do Bomfim, 217—PORTO—Portugal

Telefone 2299

# PORTUGAL COLONIAL

## REVISTA DE PROPAGANDA E EXPANSÃO COLONIAL

Director—HENRIQUE GALVÃO

**Assuntos económicos—comerciais  
agrícolas—industriais e financeiros.  
Informações de todo o mundo colonial**

**AGENTES EM TODAS AS CIDADES ULTRAMA-  
RINAS, MADEIRA, AÇORES, BRASIL, ETC.**

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

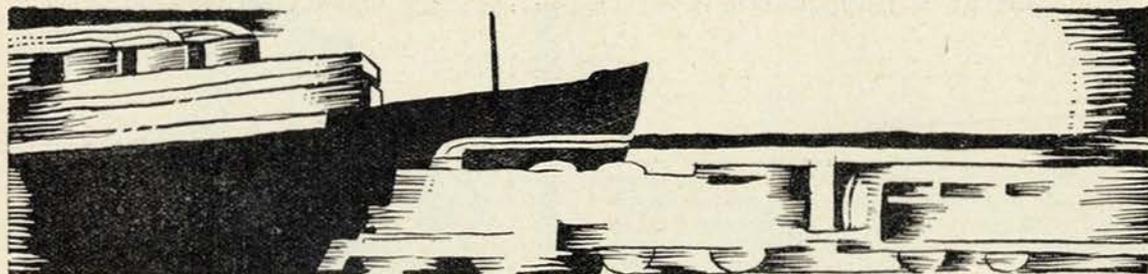
*Metrópole e Ilhas Adjacentes:*

Avulso.....	3\$00
Semestre.....	18\$00
Ano.....	36\$00

*Colónias Portuguesas e Brasil:*

Avulso.....	4\$50
Semestre.....	25\$00
Ano.....	50\$00

ESTRANGEIRO (Ano)..... 60\$00



# ESTATÍSTICA

## Índices-Números das cotações dos géneros coloniais

DESIGNAÇÃO	1914	1931	1932	1933	1934		1935			
	Julho	Índice-médio	Índice-médio	Índice-médio	Índice-médio	Abril	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril
LISBOA (cidade) . . . .	100	1.302	1.635	1.304	1.303	1.290	1.292	1.293	1.526	1.323

Do Boletim Mensal da Direcção Geral de Estatística.

## Cotações dos géneros coloniais (Praça de Lisboa)

Géneros	Unidade	Cotações em (a)	
		1929 15 de Janeiro	1935 15 de Abril
Cacau fino . . . . .	15 quilogr.	77\$00	40\$00
Cacau paiol . . . . .	»	62\$00	30\$00
Cacau escolha . . . . .	»	36\$00	23\$00
Café de S. Tomé, fino . . . . .	»	(b) 210\$00	120\$00
Café de Novo Redondo . . . . .	»	124\$00	50\$00
Café de Ambriz . . . . .	»	123\$00	57\$00
Café de Encoje . . . . .	»	116\$00	52\$00
Café do Cazengo (de 2. <sup>a</sup> ) . . . . .	»	120\$00	40\$00
Coconote . . . . .	»	33\$00	15\$00
Copra . . . . .	»	42\$00	17\$00
Óleo de palma, mole . . . . .	»	45\$00	(d) 33\$00
Rícino . . . . .	»	27\$00	15\$00
Gergelim . . . . .	»	34\$00	(e) —
Algodão . . . . .	Quilog.	10\$00	5\$00
Cera . . . . .	»	16\$00	9\$90
Cola . . . . .	»	6\$00	1\$40
Açúcar, rama . . . . .	»	(c) 1\$70	(e) —
Milho . . . . .	»	\$94	(e) —
Coiros . . . . .	»	15\$00	5\$00

(a) As cotações apresentadas representam a média nas datas indicadas ou na data mais próxima — (b) Cotação em 1 de Agosto de 1928 — (c) Cotação em 21 de Setembro de 1928 — (d) Em tambores — (e) Não foi negociado.

## Quantidades em quilogramas de algumas mercadorias importadas e exportadas de e para as Colónias portuguesas em

MERCADORIAS	Angola	Cabo Verde	Guiné	Moçambique	S. Tomé e Príncipe	India, Macau e Timor
<b>Importadas das Colónias:</b>						
Arroz.....	141.737	—	712.352	—	—	—
Açúcar.....	7.796.981	—	—	11.508.055	—	—
Café.....	1.411.597	14.357	—	242	51.648	23.253
Trigo em grão.....	—	—	—	—	—	—
Peles em bruto.....	190.268	—	35.038	40.594	—	—
Algodão em caroço, rama ou cardado.....	475.633	—	—	879.152	—	—
Sementes oleaginosas.....	2.456.436	742.486	2.922.498	302.812	1.378.064	—
Milho.....	—	—	—	—	—	—
<b>Exportadas para as Colónias:</b>						
Vinhos do Pôrto (decalitros).....	2.231	76	137	2.723	208	898
» da Madeira (decalitros).....	—	—	—	—	—	—
» comuns tintos (decalitros).....	202.218	6.508	22.171	151.481	13.787	9.108
» » brancos (decalitros).....	49.410	1.426	4.521	94.622	1.972	540
» licorosos (decalitros).....	2.079	242	109	705	—	(a) 3.597
Conservas de vegetais..... quilo	41.818	1.731	5.627	58.570	3.588	6.557
Sardinhas em salmoura.....	782	—	—	—	68	—
Conservas de sardinha.....	7.707	406	2.909	50.713	2.621	2.785
Conservas de peixe não especificado.....	1.129	—	—	8.063	—	—
Cortiça em rolhas.....	102	28	—	341	6	—

(a) Rectificado.

Do Boletim da D. G. E.

## Acções de Companhias Coloniais

1934		Vencimento de juros ou dividendo	Último juro ou dividendo pago		VALORES	OFERTAS			
Máximo	Mínimo		Data	Quantia		13 de Dezembro		15 de Janeiro	
						C.	V.	C.	V.
85\$00	83\$00	4-7-1934	1933	L. 4\$00	Agrícola das Neves.....	79\$00	82\$00	85\$00	87\$00
—	80\$00	27-11-1933	1932	L. 3\$00	Agricultura Colonial (Soc).....	77\$00	79\$00	81\$00	—
395\$50	375\$00	17-3-1934	1933	L. 15\$00	Açúcar de Angola.....	395\$00	398\$00	384\$00	390\$00
—	32\$00	15-7-1929	1928	£ 0-3-2 <sup>2</sup> / <sub>5</sub>	Boror.....	31\$00	35\$00	30\$00	35\$00
—	—	—	1927	—	Cabinda.....	—	—	10\$00	12\$00
35\$50	35\$00	11-7-1929	1928	£ 0-0-0,6	Buzi—de 1 a 150.000 1. <sup>a</sup> Em.....	38\$00	39\$50	35\$40	37\$00
—	—	11-7-1929	—	£ 0-0-0,6	Buzi—de 150.001 a 300.000 2. <sup>a</sup> Em.....	—	—	33\$00	—
—	—	1-4-1929	1927	L. 10\$00	Colonial de Navegação.....	—	—	—	—
145\$00	131\$00	1-5-1934	1933	L. 5\$00	Ilha do Príncipe.....	132\$00	134\$00	143\$00	144\$50
11\$60	9\$60	2-6-1930	1928-29	L. \$99	Zambézia—t. 25.....	9\$00	9\$30	11\$50	11\$80

# Situação dos Bancos Coloniais com sede em Lisboa, em 31 de Março de 1935

(Valores em escudos)

BANCOS	ACTIVO				PASSIVO	
	CAIXA		Letras descontadas sobre o País e transferências	Letras a receber	Depósitos à ordem	Depósitos a prazo
	Dinheiro em cofre	Depósitos noutros bancos				
Banco de Angola (Sede) . . . . .	760.667	18.986.841	—	—	8.692.143	2.444.883
Banco N. Ultramarino (Sede)	12.762.627	12.326.557	177.047.104	94.144.852	153.036.574	127.085.201

Do Boletim Mensal da Direcção Geral de Estatística.

## Reexportação e trânsito de mercadorias das Colónias portuguesas por Lisboa em Janeiro-Abril de 1935

MERCADORIAS	QUANTIDADES EM QUILOGRAMAS		VALOR EM ESCUDOS	
	1935	1935	1935	1935
	Abril	Janeiro a Abril	Abril	Janeiro a Abril
<b>Reexportação :</b>				
Cacau . . . . .	593.568	2.803.908	1.336.071\$00	6.490.653\$00
Café . . . . .	466.264	994.242	1.582.224\$00	3.399.459\$00
Cera . . . . .	69.560	204.081	638.348\$00	1.844.991\$00
Outras mercadorias . . . . .	637.007	1.641.282	676.865\$00	2.137.838\$00
<b>Total . . . . .</b>	<b>1.796.396</b>	<b>5.643.513</b>	<b>4.233.508\$00</b>	<b>13.872.941\$00</b>
<b>Trânsito internacional :</b>				
Cacau . . . . .	—	16.650	—	40.000\$00
Café . . . . .	11.652	1.545.284	41.700\$00	5.633.220\$00
Cera . . . . .	6.281	34.040	59.600\$00	311.300\$00
Óleos de palma e côco . . . . .	9.943	25.331	6.900\$00	19.360\$00
Outras mercadorias . . . . .	435.891	1.807.308	574.750\$00	2.118.940\$00
<b>Total . . . . .</b>	<b>467.827</b>	<b>3.428.613</b>	<b>682.950\$00</b>	<b>8.122.820\$00</b>

Do Boletim Mensal da Direcção Geral de Estatística.



# ESTORIL

## Côte du Soleil—PORTUGAL

### LE PAYS DU PRINTEMPS ETERNEL

à 24 Kilomètres de Lisbonne

Trains électriques toutes les demie-heurs

### SAISON PERMANENT — CLIMAT IDEAL

Belles plages de sable fin

Golf — Tennis — Escrime — Equitation — Natation — etc.

ESTORIL PALÁCIO-HOTEL Dernier confort—Cadre merveilleux—Cuisine renommée

HOTEL DO PARQUE Moderne et confortable—Prix modérés

ESTORIL-THERMES Établissement Hydro-Minéral et Physiothérapique—Gymnastique—Culture Physique—Grande Piscine d'eau tiède

TAMARIZ Pavillon—Restaurant—Bar—Superbes terrasses sur la mer—Parc de divertissements pour les enfants

CASINO Ouvert tout l'année—Concerts—Cinema—Dancing—Restaurant—Bar—Américain—Tous les jeux des villes d'eaux—Roulette—Boule—Baccara

Pour tous renseignements s'adresser à la

**SOC. PROPAGANDA DA COSTA DO SOL  
ESTORIL-PORTUGAL**

## FÁBRICA DAS ANTAS

S. A. R. L.

FUNDADA EM 1895

Rua da Vigorosa, 654—PORTO-PORTUGAL

TELEFONE 972

AS MAIORES INSTALAÇÕES DO PAÍS PARA O FABRICO  
DE ARAME FARPADO E REDE DE ARAME PARA VEDAÇÕES

Malhas de Ferro para cimento armado e estuques.—Pregaria de arame, polida ou zincada, para construções.—Pregaria, cravinhos e cardas para calçado e outros usos.—Parafusos com rosca para madeira, em ferro e latão

OS SEUS PRODUTOS IMPÕEM-SE PELO  
SEU ESMERADO FABRICO E EMBALAGEM

DEPÓSITOS no Norte do País: AVEIRO, BRAGA, BRAGANÇA, CHAVES, COIMBRA, FIGUEIRA DA FOZ, GUIMARÃES, OLIVEIRA DE AZEMIS E VISEU

### Agências nas ilhas adjacentes e colónias portuguesas:

BEIRA	ANGOLA	CABO VERDE	MADEIRA	AÇORES
C. MOÇAMBIQUE	Raul Lelo	A. Martins & C. <sup>a</sup>	Leonel G. Luiz, L. <sup>da</sup>	Viriato M. Pereira
H. G. d'Almeida, L. <sup>da</sup>	Caixa Postal 147	Caixa Postal 35	Caixa Postal 79	R. Marquês da Praia, 12
Caixa Postal 112	LUANDA	S. VICENTE—CABO VERDE	FUNCHAL—MADEIRA	PONTA DELGADA
				S. MIGUEL—AÇORES

# “O MUNDO PORTUGUÊS”

EDIÇÃO DA AGÊNCIA  
GERAL DAS COLÓNIAS  
E DO SECRETARIADO  
DA PROPAGANDA NA-  
CIONAL

GRANDE REVISTA  
DE ARTE E LITERA-  
TURA COLONIAIS

TODOS DEVEM  
LER

“O MUNDO PORTUGUÊS”

DIRECTOR:  
AUGUSTO CUNHA

TELEFONES { 2 0651  
                  { 2 0652

REDACÇÃO:  
RUA DA PRATA, 34  
LISBOA